

ANALISE DE DOIS POEMAS DE JOSE ANGEL VALENTE :

Galo A. Arroyo Espínola **

O tema de Al Angel¹ é a posição inferior e desigual do homem, ante a realidade e seres celestiais, e sua luta para alcançar a felicidade, não obstante todos os desígnios divinos.

O poema se inicia com uma linguagem prosaica, cujo primeiro pensamento bem poderia ter sido expresso em orações coordenadas:

Me he levantado,
he cubierto mi mesa con su tapete verde
y me he sentado cuidadosamente a deshojar
esta pequeña flor.

O poeta emprega em seus versos esta forma simples e familiar na linguagem, com o propósito de nos dar um ambiente de vida cotidiana; entretanto, pelo que se pode deduzir dos quatro versos seguintes, o poema será desenvolvido em um fundo de MORTE, VIDA, AMOR e ÓDIO. Depois de esta pequeña flor, nos diz:

Todo empezaba así.
Todo menos la muerte,
menos la vida,
el amor o el
odio.

* Parte de uma tese defendida pelo autor, em junho de 1975, no Instituto de Cultura Hispânica, em Madrid, durante o XIX Curso Ibero-Americano de Língua e Literatura Espanhola. Traduzida do espanhol por Leonilda Ambrozio, Auxiliar de Ensino de Língua e Literatura Espanhola, na Universidade Federal do Paraná.

** Licenciado em Ciencias de la Educación (1970) e Egressado del Doctorado, Especialización Castellano y Literatura (1974) pela Facultad de Filosofía y Letras de Quito, Ecuador. Em 1969 a Universidad Central de Quito publicou o seu Poemario testimonio. Atualmente, Galo Arroyo Espínola leciona na Facultad de Ciencias de la Información.

1 VALENTE, José Angel. El Angel. In: _____. A modo de esperanza. Barcelona, Barral, 1972.

E continua nos versos seguintes, em aparente contradição com os anteriores:

Todo empezaba así,
la pasión de morir,
de vivir,
de amar, de odiar.

O que antes se excluía, agora se inclui. Não o faz, porém, utilizando substantivos como antes: morte, vida, amor, ódio pareciam estar dotados de corpo. Por outro lado, ao referir-se à paixão de morrer, viver, amar, odiar, utiliza infinitivos que, em sua realidade verbal, melhor expressam a idéia de paixão. Esta aparente contradição nos faz descobrir a incerteza do poeta, incerteza ante a vida, o amor, a morte, o ódio ou suas correspondentes paixões.

O homem pensativo e desorientado se identifica como **Oscuro Jugador**. O qualificativo empregado traz consigo uma carga conceitual de notória expressividade. Aquele, ofuscado, desorientado, está sobretudo indefeso ante um difícil e divino adversário:

frente a mí el ángel
con su terrible luz,
su espada,
sua abrasadora verdad.

O anjo é símbolo de divino e fatal desígnio, talvez de morte. O qualificativo **terrible** utilizado para luz não é apropriado, mas o poeta o aplica para determinar a imagem de um ser justo e cruel, com sua espada e sua sentença de fatalidade e morte. Cabe notar ainda, que utiliza artigo determinante para o substantivo **ángel**, isto anuncia um ser conhecido. Recordemos que a religião católica, em sua História Sagrada, nos diz que Deus ao expulsar Adão e Eva do Paraíso, pôs na porta como guardião um anjo com espada de fogo. Sem dúvida, o homem (**oscuro Jugador**) diante deste ser terrível, se vê indefeso e, pondo na pena do poeta sua verdade, confessa:

Yo tenía solamente
una flor.

A relação de inferioridade entre o homem e seu adversário, el **ángel**, torna-se maior com o emprego do advérbio **solamente**.

Nos versos seguintes apresenta, figuradamente, a luta entre a vida e a morte (SI = VIDA; NO = MUERTE; SIEMPRE = MUERTE; TODAVIA = VIDA). Por muito ou pouco que se defenda, a morte é, entretanto, mais poderosa e nascida como maldição divina. Assim é que conclui triunfante:

Al si y al no
jugaba contra el ángei,
jugaba al sí y al no,
al siempre, al todavia.

Porém ante este aparente jogo de azar, tudo está decidido por uma força sobre-humana e cruel:

Pero tú conocias,
adversario cruel,
todas mis suertes.

O homem não consegue penetrar nas verdades eternas como a morte. Será sempre impedido por suas realidades terrenas. Daí a expressão:

Nada te delataba,
separado de mí
por una mesa
con su tapete verde,
una pequeña flor,
toda la muerte.

Por último, o verso *fue larga la velada* reforça a expressividade dos primeiros versos em que aparentava um despertar (*me he levantado*). Estas formas compostas dão à expressão um significado de ação realizada em forma inconsciente, como um sonâmbulo. Por esta razão, a presença do verso citado.

No verso seguinte o poeta diz: "Al fin me diste un nombre; esperamos seu nome mas não o encontramos. Que nome se pode dar a esta criatura indefesa e mortal que tem a triste liberdade de conhecer o triunfo dos desígnios divinos?

Seu nome e sua verdade estão nestes versos:

Yo tenía una flor,
tú una espada de fuego. Yo
la triste libertad de querer tu victoria.

O pronome pessoal *Yo*, encadeado no penúltimo verso, permite suspender a seqüência na unidade de pensamento para deixar em uma incógnita sua situação e para profundizarmos também na reflexão e abandonarmos logo em uma realidade de escravo que se descobre no último verso:

La triste libertad de querer tu victoria.

O tema de *El muro*² é a busca desesperada de Deus, pelo homem,

² VALENTE, J. A. *El muro*. In: ——. *Poemas a Lázaro*. Barcelona, Barcelonar, 1972.

em meio à vida, até cair desfalecido e morto no outro lado de sua humana esperança.

É um canto de desesperança e procura de Deus em meio à vida, que o poeta, em metáfora transposta, identifica com o termo **muro**, onde furtiva e silenciosamente chega o homem com a remota esperança de escutar algo.

O primeiro verso descreve plasticamente esta aproximação da criatura até o insondável muro, em busca de vozes, resposta ou algum eco. O efeito tônico dos termos **espesura**, **puse**, **oído** sugere esta aproximação pausada e confundida: torpes passos que avançam pela vida, à procura de Deus.

En la espesura de este muro puse
mi oído. Golpée tres veces,
cien, mil, toda la vida. Dije

— No sé tu nombre.

A presença da vogal **u**, tônica, em três palavras do primeiro verso: **espesura**, **muro**, **puse** e a conclusão da unidade de pensamento com o termo **oído** que leva tônica a vogal fechada **I**, corrobora para este efeito sinestésico.

O encadeamento entre o primeiro e segundo verso, dá corpo à aproximação morosa até o muro, se detém e prolonga a ação, terminando em **mi oido**. Nada descobrindo, a pobre criatura explode em atividade desesperada que se percebe nas repetidas pancadas que dá em um momento de abandono e desassossego: clama e busca um Deus não compreendido, talvez não descoberto. Daí a expressão: **Dije tu nombre** e a resposta interior da criatura humana: **Dije: = No sé tu nombre**.

Antes de continuar com a análise, merece ressaltar que o efeito fonético das vogais nos três primeiros versos é muito significativo no poema. No primeiro, a vogal **u** tônica, pela sua rareza idiomática cria uma cena escura e tétrica, na qual o homem se aproxima do muro, símbolo da vida, (**En la espesura de este muro puse**), concluindo o encadeamento em **oído**, que tem a vogal fechada **I**, tônica. Por sua vez, ao terminar a palavra na vogal **o**, aberta e átona, impressiona sinesteticamente, como a lenta aproximação do ouvido até o muro. Tudo isto foi construído de tal forma e cuidado, de modo que não se perdesse o menor ruído. A desilusão, porém, de não se escutar nada (**Golpeé tres veces**) está sugerida nas três pancadinhas, plasma-das na vogal **e**, tônica e suave. O termo final (**veces**) que termina em **s**, precedida de **e**, não tônica, cria sinesteticamente, um ambiente de profundo silêncio, propício para escutar o menor ruído. Contudo, ao

não descobrir nada, de repente surge a aflição. Não há resposta, não há eco e, no verso seguinte, o poeta nos precipita no abismo profundo da angústia: *cien, mil*. Hiperbolicamente, com amargura e desespero prossegue e nos diz: *toda la vida*.

O homem desfaleceu de abandono e desesperação. Isto é refletido nos as átonos que são final dos três termos do verso: *Toda la vida*. Voltando à voz interior, reflexiva do homem: — No sé tu nombre.

Desesperado e cego de sua própria ignorância, o homem indaga até à morte, a verdade e a razão de um Deus, porém só encontra confusão, desespero, insegurança que certamente o levam a um estado de abandono:

Golpeé hasta la muerte: largos muros,
silencio, viento... y más allá caí.

Ao ficar encadeado o termo *largos*, prolonga essa desesperada busca e as reticências que se seguem a *viento*, como uma janela aberta de par em par, que nos levam até a desesperação e vazio que aparece no termo *allá*. Novo encadeamento ocasiona o prodígio moroso de derrubar a alma humana no vazio de uma primeira caída, dura e profunda: *y más allá / caí*. O acento agudo no verbo *caí* faz mais brutal e seca a caída da criatura desde sua altura de aflição e desorientada busca até sua humana realidade, escura como a noite, em que o símbolo da vida está representado em pena e tempo (dor e vida).

Banderas
de pena y tiempo arrastraba la noche.

Esta imagem nos dá uma visão clara dessa desorientação e abandono. A vida, metaforicamente, está representada em *noche* e ela arrasta banderas de pena y tiempo.

O homem, humana criatura, reitera em sua caída como se tratasse de um simulacro de Via Crucis de Cristo. Não é, em realidade, uma única, mas uma tríplice. Depois da terceira, o homem engrossou o muro espesso no qual clamava.

Sua tríplice caída está plasmada e resumida no antepenúltimo verso do poema:

Caí, caí, caí.

Por fim o homem, depois de suas duras quedas cairá definitivamente *del otro lado de la humana esperanza*, imagem que nos mostra a eternidade. Talvez lá o homem encontre a Deus...

*Y más allá caí, del otro lado
de la humana esperanza.*

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- VALENTE, J. A. *A modo de esperanza*. Barcelona, Barral, 1972.
_____. *Poemas de Lázaro*. Barcelona, Barral, 1972.

Resumo

Através da análise de *El ángel* vemos como o homem se debate e luta por alcançar a felicidade mas se encontra indefeso ante as forças celestiais.

O anjo apresentado no poema é um ser ao mesmo tempo justo e cruel, símbolo de fatalidade, talvez de morte. O homem luta “contra el ángel”, mas não consegue nada. Sempre estará impedido por suas realidades terrenas. Sua própria realidade (a vida e a morte) será para ele sempre uma incógnita da qual será escravo.

No poema *El muro* o ser humano busca desesperadamente a Deus em meio à vida. Sua situação é de abandono, incerteza, desespero, angústia, desorientação. No muro, busca e espera a revelação de um deus mas acaba por cair, sem conseguí-la. Talvez do outro lado do muro encontre o Ser a quem procurou desesperadamente na vida.

Resumen

A través del análisis de *El ángel* vemos cómo el hombre se debate y lucha por alcanzar la felicidad pero se encuentra indefenso ante fuerzas celestiales.

El ángel presentado en el poema es un ser justo y cruel a la vez, símbolo de fatalidad, tal vez de muerte. El hombre lucha “contra el ángel”, pero no logra nada. Siempre estará impedido por sus realidades terrenas. Su propia realidad (la vida y la muerte) le será siempre una incógnita y de esta será siempre esclavo.

En *El muro* el ser humano busca desesperadamente a Dios en medio de la vida. Su situación es de abandono, incertezza, desesperación, angustia, desorientación. En el muro busca y espera la revelación de um dios pero acaba por caer, sin conseguirla. Tal vez del otro lado del muro encuentre al Ser a quien buscó desesperadamente en la vida.